



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FASA  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA

Daniela Borges Torres Melo  
RA 2041322/7

**CASO ISABELA TAINARA FARIA:** Conflitos  
entre o jornalismo investigativo e o jornalismo  
sobre investigação

Daniela Borges Torres Melo

**CASO ISABELA TAINARA FARIA:** Conflitos  
entre o jornalismo investigativo e o jornalismo  
sobre investigação

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, orientado pelo Prof. Luiz Cláudio Ferreira.

Brasília  
2007

Daniela Borges Torres Melo

## **CASO ISABELA TAINARA FARIA: Conflitos entre o jornalismo investigativo e o jornalismo sobre investigação**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para a obtenção ao grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Brasília, 17 de outubro de 2007

### **Banca Examinadora**

---

Prof. Luiz Cláudio Ferreira  
Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Luzia Cristina Giffoni  
Examinadora

---

Cláudia Busato  
Examinadora

## RESUMO

A presente pesquisa destina-se a uma análise sobre a cobertura jornalística feita pelo Jornal de Brasília do caso Isabela Tainara Faria, 14 anos. Serão avaliadas 20 edições que foram publicadas depois que o corpo da menina foi encontrado. O estudo compreende o período de 29 de junho a 15 de julho e os dias 3, 4 e 15 de agosto de 2007, totalizando 54 reportagens. A análise mostra os conflitos das informações e apurações realizadas pelos repórteres e publicadas no veículo de comunicação. Além disso, a pesquisa mostra o uso demasiado de fontes oficiais e em off (anonimato). Também enfatiza o fato das reportagens terem sido tendenciosas e especulativas em relação ao possível culpado pelo assassinato da adolescente, levando o leitor acreditar que o cunhado da estudante é que teria a assassinado. Até hoje o caso não foi esclarecido.

**Palavras-chave:** Jornalismo Investigativo e Especulativo. Fontes Jornalísticas. Caso Isabela Tainara Faria.

## SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	5
2.ENTENDA O CASO .....	8
3.JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	9
3.1 OS CONFLITOS NA APURACÃO.....	9
3.2 TRÊS TIPOS DE JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	10
4.AS FONTES DA NOTÍCIA.....	13
5.O FATO POR TRÁS DA NOTÍCIA.....	15
5.1 AFIRMAÇÕES ESPECULATIVAS.....	16
6.GRÁFICOS.....	20
7.TABELA FONTES JORNALÍSTICAS.....	22
8.TABELA JORNALISMO SOBRE INVESTIGAÇÃO.....	24
9.FOTOS.....	25
10.CONCLUSÃO.....	26
11.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28



## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a cobertura do Caso Isabela Tainara Faria, feita pelo Jornal de Brasília, tendo como premissa que, após o corpo da adolescente ter sido encontrado, não houve por parte do veículo a predominância de apuração investigativa, mas sim sobre a investigação da Polícia Civil.

Com isso, a pesquisadora pretende mostrar que os profissionais de jornalismo têm cada vez mais dificuldade em produzir matérias que vão além do que já foi dito ou publicado. O que pode remeter a uma premissa de que os profissionais teriam falta de curiosidade e estímulo para ir mais fundo do que um simples boletim de ocorrência e processos judiciais. A busca do essencial do jornalismo é ouvir todos os lados de uma história e buscar informação sem especulação.

Por essa e outras razões ainda a serem estudadas e postas em discussão neste trabalho, cabe analisar a diferença entre o jornalismo investigativo (pesquisar, investigar, fazer cruzamento de fontes e fatos) e jornalismo sobre investigação (ocorrências policiais, investigações do Ministério Público e Polícia Federal, dentre outros). Todo jornalista seja qual for sua especificidade deve saber essa diferença e precisa desenvolver sagacidade para capturar o ‘a mais’ de cada matéria. Essa curiosidade, ousadia, é necessária para valorizar a profissão, mas com conhecimento. É preciso saber como e até onde ir a cada apuração.

O jornalista investigativo não é policial nem tão pouco um investigador, mas ele tem o poder de divulgar informações à grande massa; e ele tem o dever de fazê-lo da forma mais completa para a sociedade. Com esse conhecimento seria possível um jornalismo mais completo, apurado e os erros seriam menos frequentes.

A relevância desse trabalho é mostrar para o profissional de jornalismo que a prática desse jornalismo cheio de fontes em off e sem conteúdo levam a reportagens desinteressantes, mal apuradas e sem fatos novos. Essa preocupação apareceu no momento em que a pesquisadora verificou a possibilidade de alguns jornalistas estarem cometendo equívocos de apuração. Além disso, foi observada também a falta de conteúdo nas matérias publicadas.

Investigação jornalística é tema permanente de discussões entre profissionais de todo o Brasil, a procura por grandes reportagens de denúncia. Os tempos das novas tecnologias impuseram ao jornal impresso notícias

extraordinárias, inéditas e, ao mesmo tempo, matérias mais objetivas e enxutas.

Durante o período do Governo Militar (1964 – 1985), a imprensa venceu vários obstáculos contra a censura e a opressão. Muitos jornalistas foram exilados e mortos em busca da democracia e da liberdade. Alguns profissionais consultados para esse trabalho dizem que isso ocorre porque as empresas não têm interesse em investir nesses tipos de reportagens; outros acreditam que não há tempo. As matérias factuais estão distribuídas em grande escala nos jornais.

Este trabalho se orienta para uma reflexão sobre conceitos e fundamentos das teorias do jornalismo com ênfase no jornalismo investigativo. O trabalho vai utilizar a cobertura do caso Isabela Tainara para ilustrar a dificuldade que a imprensa tem em lidar com reportagens investigativas, utilizando de forma predominante as fontes em off. Também faltam fontes novas, contrárias e que acrescentem informações relevantes ao caso.

A teoria da noticiabilidade terá papel complementar nesse estudo. A bibliografia aponta para questionamentos diferentes de modo que um conjunto de informações relacionadas à comunicação deve dar conta dessa lacuna.

De acordo com essas considerações os principais objetivos desta pesquisa são:

- a) Observar se realmente as matérias estão com poucas fontes;
- b) Checar se há excesso de fontes oficiais e em off;
- c) Analisar se o veículo de comunicação estudado foi tendencioso na busca do culpado pelo crime;
- d) Mostrar se o assunto abordado foi tratado de maneira adequada em relação aos critérios de noticiabilidade;

Para checar essas hipóteses a pesquisadora irá utilizar a metodologia de estudo de caso. O caso a ser analisado será o da estudante Isabela Tainara Faria, no período em que o corpo dela foi encontrado e iniciou-se uma série de reportagens publicadas pelo Jornal de Brasília para achar um possível culpado para o assassinato. Serão analisadas 20 edições no período de 29 de junho a 15 de julho e os dias 3, 4 e 15 de agosto de 2007, totalizando 54 matérias, incluindo as retrancas.

O jornal de Brasília foi escolhido por ter um caderno de cidades mais amplo e ter destinado desde o início do desaparecimento da estudante um espaço de destaque ao caso. A pesquisadora se interessou pelo assunto, visto que



participou das apurações jornalísticas do caso e foi abordada pelo repórter Luiz Augusto Gomes, do veículo de comunicação citado, que lhe disse que o culpado era sem dúvida o cunhado de Isabela. Perguntado sobre a veracidade dessa informação o mesmo se baseou apenas em fontes confiáveis da polícia.

O estudo de caso permite o estudo detalhado e aprofundado de uma questão ou caso. Através dele é possível reunir dados exaustivos de um caso, permitindo um mergulho profundo em um objeto delimitado. “Com ele penetra-se na realidade social, o que não é possível como quantificações e análises estatísticas”, (NASCIMENTO: 2002, p. 100).

Além disso, também serão usados autores que falam sobre verdade, notícia e jornalismo investigativo como Bill Kovach e Tom Rosenstiel.

## 2. ENTENDA O CASO

Fonte: arquivo da família

A estudante da 8ª série do Ensino Fundamental, Isabela Tainara Faria, desapareceu no dia 14 de maio, quando saiu de casa para ir ao curso de inglês no Setor Sudoeste. Há um ano e meio ela fazia o mesmo percurso e nunca havia acontecido nada de estranho. No dia do desaparecimento, a garota vestia



calça jeans, blusa clara cavada, óculos de armação vermelha, tênis All-Star preto, e carregava alguns cadernos. Isabela media 1,56 m e tinha um sinal na bochecha direita, olhos castanhos, cabelos ondulados, pretos e longos.

No mesmo dia do desaparecimento, uma segunda-feira, segundo os veículos, os pais de Isabela registraram ocorrência na 3ª Delegacia de Polícia no Cruzeiro. Antes, fizeram vários contatos com amigos, professores e conhecidos da estudante. Mas ninguém sabia do paradeiro da garota.

No dia do desaparecimento, os investigadores da Divisão de Repressão a Seqüestro (DRS) apuraram uma ligação feita pela mãe de Isabela, que ligou para o celular da filha, às 19h. A jovem teria dito à mãe que já estava a caminho de casa e que estava voltando de carona. Mas não informou quem era o acompanhante. Depois de algumas horas, ao perceber que a filha não chegava em casa, a mãe voltou a ligar, mas o celular de Isabela já estava desligado.

Na mesma semana, a família se mobilizou em busca de informações sobre o paradeiro da garota. Usaram espaços publicitários e cartazes com fotos, telefones e descrição física da estudante.

### 3. JORNALISMO INVESTIGATIVO

#### 3.1 OS CONFLITOS NA APURAÇÃO

O jornalismo investigativo muitas vezes se depara com a questão moral e ética em relação a prática da investigação. O profissional se questiona sobre a verdade, o que impede algumas vezes de prosseguir com uma investigação. O autor Johannes Hessen, professor da Universidade de Colônia - Alemanha, diz que a verdade é a concordância do pensamento consigo mesmo, essa concordância é a ausência de contradição.

O pensamento não se encontra com objetos reais, mas sim com objetos mentais, ideais. Para qualquer coisa irracional a evidência é sinônimo do sentimento de evidência, isto é, de certeza emocional imediata. Este sentimento dá-se com todo conhecimento intuitivo, exprime um fato ético objetivo e pode, por conseguinte, pretender a objetividade, ainda que não consiga obter pela força da lógica o seu reconhecimento e careça, portanto, de validade universal. (HESSEN, 2002, p. 30).

O livro “Os Elementos do Jornalismo”, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003), explica qual a função do jornalista, a relação entre verdade e jornalismo e fornece, ainda, os conceitos de jornalismo investigativo, interpretativo e jornalismo sobre investigação. Esses assuntos são relevantes para essa monografia, pois falam de conceitos e práticas jornalísticas mal discernidas no dia a dia.

Bill e Tom falam para os poloneses e outros povos em democracias emergentes na região que o jornalismo servia para agir, ou seja, construir as comunidades, a cidadania e a democracia, (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.29).

O livro aborda que a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernarem. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.22).

Segundo Kovach e Rosenstiel (2003, p. 31) a imprensa ajuda o cidadão a definir nossas comunidades, criar uma linguagem e conhecimentos comuns com base na realidade. “O jornalismo reflete um entendimento sutil de como os cidadãos se comportam [...]” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.32).

Os autores falam que as pessoas precisam de informações por causa de um instinto básico do ser humano, que chamam de instinto de percepção. “As pessoas precisam saber o que acontece do outro lado do país e do mundo,

precisam estar a par de fatos que vão além de sua própria experiência [...]”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.36).

Kovach e Rosenstiel (2003, p. 40) fazem críticas ao papel do jornalista. Explicitam sobre uma nova imprensa. A idéia da imprensa como um guardião, decidindo que tipo de informação o público deve saber e qual não, não mais define o papel do jornalismo.

O novo jornalista não decide mais o que o público deve saber. Ele o ajuda a pôr ordem nas coisas. Isso não significa simplesmente acrescentar interpretação ou análise a uma reportagem. A primeira tarefa dessa mistura de jornalista e “explicador” é checar se a informação é confiável e ordená-la de forma que o leitor possa entendê-la. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.41).

Para Lippmann (1922 apud KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 65, grifo do autor):

O livro *Os elementos do Jornalismo* de Bill Kovach e Tom Rosenstiel, trata das notícias e da verdade como sendo diferentes: a primeira com a função de sinalizar um fato ou tornar o público ciente deste e a segunda com a função de trazer à luz os fatos ocultos.

Os autores afirmam que a primeira obrigação do jornalista é com a verdade. O livro fala que os próprios jornalistas nunca tiveram uma noção clara do que querem dizer com veracidade. O jornalismo é reativo e prático, não filosófico. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.66).

“Essas explicações tornaram os jornalistas passivos, meros reprodutores dos fatos. É como se eles pensassem que a verdade é alguma coisa que surge sozinha. O profissional deve perseguir a verdade. Não pode ser meramente construído com base na exatidão, pois, pode ser uma forma de distorção”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.67).

### 3.2 TRÊS TIPOS DE JORNALISMO INVESTIGATIVO

Sobre as questões que permeiam o jornalismo investigativo, os autores Kovach e Rosenstiel o dividem em três partes: o jornalismo original, o interpretativo e o sobre investigação.

Os autores explicam que na reportagem investigativa original os repórteres se envolvem diretamente na descoberta e documentação de atividades até então desconhecidas do público. Estas envolvem investigações públicas oficiais sobre o assunto ou a atividade denunciada. Nesse caso os autores dizem que

podem ser usadas táticas similares às policiais. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 177).

“O jornalismo investigativo original foi facilitado com o surgimento do computador que substitui a observação pessoal do repórter” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 177). Já a reportagem investigativa interpretativa surge segundo os autores como resultado de cuidadosa reflexão e análise de uma idéia para fazer uma reportagem mais completa. “Uma busca obstinada dos fatos para reunir informação num novo e mais completo contexto, o qual fornece ao público um melhor entendimento do que acontece”, (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 178).

Para Kovach e Rosenstiel (2003, p. 178) a diferença entre o jornalismo investigativo original e o interpretativo é que o primeiro revela informações até então não divulgadas, sem contextualizar. A interpretativa por sua vez percorre o mesmo caminho da original, mas informa o público sobre o que esses fatos vão afetar sua vida.

Os autores (KOVACH; ROSENSTIEL 2003, p. 180) também explicam como é realizado o jornalismo sobre investigação. Eles dizem que esse tipo de jornalismo se empenha em tratar de investigações que já estão sendo realizadas, como, por exemplo, pelo Ministério Público ou Polícia Federal.

A reportagem se origina da descoberta ou vazamento de informação de uma investigação oficial. Esse por sua vez possui seus riscos como o acesso a apenas uma fonte, ou seja, como é oficial o jornalista acaba não ouvindo o outro lado. O jornalista precisa ter maior diligência (investigação). Paradoxalmente, as empresas de notícia pensam exatamente o contrario - que podem, livremente, lidar com suspeitas ou alegações porque estão publicamente declaradas por fontes oficiais. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 183).

Assim como os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel, o autor José Dirceu Lopes no livro *Jornalismo Investigativo – Organização* (editora Publisher Brasil, São Paulo, 2003) divide o jornalismo investigativo em três linhas básicas.

Essas linhas são parecidas com as tratadas no livro “Os elementos do Jornalismo”, mas são abordadas com outra visão São elas: 1) O jornalismo é produto da iniciativa básica (que a investigação seja resultado do trabalho do jornalista e não informações elaboradas por outras áreas); 2) Reportagens Especiais (que o objetivo da investigação seja razoavelmente importante para grande parte da população) e 3) Assuntos de interesse público que, eventualmente, algumas

pessoas ou instituições queiram manter em segredo.

Essas diferenças mostram que a falta de conhecimento e ao mesmo tempo a diversidade de pontos de vista sobre o mesmo assunto prejudicam a prática do jornalismo investigativo.

O jornalista Caco Barcellos em palestra (2º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, realizado em São Paulo, de 17 a 19 de maio), expressou que concorda com o questionamento dos autores Kovach e Rosenstiel sobre a falta de conhecimento dos jornalistas em relação à diferença entre o jornalismo investigativo e o jornalismo sobre investigação.

Acho que as redações foram tomadas por uma histeria dos colegas e dos donos dos veículos de comunicação por reportagens entre aspas de natureza investigativa. Talvez até por isso eu tenha criado o “Profissão Repórter – Fantástico”. Acho que há no mercado um desprezo das redações com algumas exceções, estão desprezando a reportagem mais bem trabalhada, mais bem apurada e de outro lado dando maior destaque para reportagens mais ligeiras, mais curtas. Talvez porque seja mais caro de ser produzido. (BARCELLOS, 2007).

Barcellos fala sobre a prática do jornalismo investigativo e separa matérias investigativas de matérias de denúncia. Ele diz que denúncia o incomoda muito, pois aproxima o repórter muito de outras profissões como delegados de polícia e juiz. Caco afirma que as redações não sabem mais diferenciar o que é matéria investigativa e matéria de denúncia.

#### 4. AS FONTES DA NOTÍCIA

No manual da Folha de S. Paulo existem vários conceitos de noticiabilidade e fontes da notícia, como a agilidade que é a qualidade essencial do jornalismo. "O planejamento ajuda a garantir a qualidade do jornal todos os dias, mas o jornalista deve estar pronto para modificar tudo o que tiver sido planejado, quando as condições o exigirem", (FOLHA, 2001, p. 37).

O manual classifica as fontes de informação em quatro partes de forma a hierarquizar. "Cabe ao profissional, apoiado em critérios de bom senso, determinar o grau de confiabilidade de suas fontes e que uso fazer das informações que lhe passam. As informações obtidas de cada uma delas exigem procedimentos diferentes antes da preparação do texto final", (FOLHA, 2001, p. 37).

Com essa pesquisa foi possível verificar que quatro fontes tipo zero foram ouvidas nas 54 matérias analisadas. Esse tipo de fonte, de acordo com o Manual da Folha, deve ser escrita ou gravada como enciclopédias renomadas, documentos emitidos por instituição com credibilidade, videoteipes. "Em geral, a fonte de tipo zero prescinde de cruzamento", (FOLHA, 2001, p. 37).

Das 54 matérias analisadas, 46 fontes consideradas pela pesquisadora como sendo tipo um foram ouvidas. Dessas 14 são diretores e professores das escolas onde a menina estudava. Cerca de 15 fontes são de diretores de órgãos oficiais diretamente ligados ao caso como o IML – Instituto Médico Legal, 15 foram os delegados da Divisão de Repressão a Seqüestro e da delegacia em que o caso foi registrado e duas foram o governador de Brasília José Roberto Arruda que falou em coletiva à imprensa.

O manual diz que a fonte tipo um é uma pessoa confiável que sempre passa informações corretas, fala com conhecimento de causa, está muito próxima do fato e não tem interesses imediatos na divulgação. "Embora o cruzamento de informação seja sempre recomendável, a Folha admite que informações vindas de uma fonte tipo um sejam publicadas sem checagem com outra fonte". (FOLHA, 2001, p. 38).

Ao todo 27 fontes foram colocadas em off nas 54 reportagens analisadas. Dessas, cinco foram off declarado<sup>1</sup> e 22 off não declarado. De acordo com a

---

<sup>1</sup> Expressão para designar que o jornalista deixou claro na reportagem que houve uma fonte de informação.

pesquisa, as fontes oficiais apareceram 71 vezes. Em todos os casos foram para falar de outros desdobramentos que não eram o que as fontes em off estavam se referindo. Essas fontes em off foram consideradas pela pesquisadora como sendo de tipo dois por possuírem os mesmos requisitos da fonte tipo um, mas não terem confiabilidade, e, ao serem cruzadas com outras, não se referiam ao mesmo assunto. “Toda informação de fonte dois deve ser cruzada com pelo menos mais uma fonte (do tipo um ou dois), antes de publicada”, (FOLHA, 2001, p. 38).

Os familiares e amigos da vítima foram ouvidos em 12 das 54 matérias analisadas. Esses foram considerados fonte tipo três, porque, apesar de estarem diretamente ligados ao caso, estavam movidos pelos sentimentos de perda, dor e procurando achar um culpado. “[...] bem informada, mas tem interesses (políticos, econômicos etc.) que tornam suas informações nitidamente menos confiáveis. [...] funcionar como simples ponto de partida para o trabalho jornalístico ou, na impossibilidade de cruzamento com outras fontes, ser publicada em coluna de bastidores, com a indicação explícita de que ainda se trata de rumor, informação não-confirmada”. (FOLHA: 2001, p. 38). Houve personagens em dez matérias e relato do próprio jornalista acerca dos fatos em oito das 54 reportagens analisadas.

O manual da Folha divide as fontes em off em três categorias: o off simples obtido pelo jornalista e não cruzado com outras fontes independentes; o off checado que é cruzado com o outro lado ou com pelo menos duas outras fontes independentes e o OFF total que, a pedido da fonte, não deve ser publicada de modo algum, mesmo que se mantenha o anonimato de quem passa a informação. O manual diz que cruzar informação com uma fonte significa possuir duas origens para uma informação. Isso deve ser feito com qualquer informação cuja veracidade não se tenha certeza. (FOLHA, 2001, p. 46).



## 5. O FATO POR TRÁS DA NOTÍCIA

As reportagens a respeito do caso Isabela Tainara se mostraram, de acordo com a observação dessa pesquisadora, inconclusivas, de especulação e sem credibilidade, já que 80% dessas se basearam apenas em fontes oficiais e em média 41% de fontes em off. De acordo com Sequeira (2005), o termo jornalismo investigativo é redundante. “[...] todo jornalismo pressupõe certa investigação, e a terminologia não passaria de uma forma pomposa para definir um trabalho de reportagem bem-feito, como todos deveriam ser”. (SEQUEIRA, 2005. p. 10;11)

"[...] muitas perguntas ficam sem respostas, mas muitas respostas são impressas sem as perguntas". (GUSMÃO, 1993 p.12). "A pressa que a imprensa apura e imprime notícias é um fator inesgotável de erros [...]". (GUSMÃO, 1993, p.23). Assim como Gusmão diz, esse caso não é diferente, pois, depois que o corpo da menina foi encontrado, a imprensa começou a fazer várias reportagens para saber quem é o culpado pelo assassinato da estudante. No entanto, com relatos em off e sem uma conclusão da polícia as matérias acabaram se tornando especulativas.

Essas afirmações podem ser comprovadas de acordo com a observação dessa pesquisadora, em trechos como: "[...] Próximo havia um saco plástico preto que, suspeita-se, foi utilizado para levar a cabeça até o terreno". (RESTOS, podem ser da garota. 29 jun 2007). Esse fato, por exemplo, apesar de ter sido publicado, não se comprovou com as investigações da polícia.

Notícias sensacionais exigem informações - e provas - sensacionais. Trabalhos de investigação exigem investimento e desprendimento para aceitar resultados adversos. A inconsistência, decorrente da notícia de ouvir dizer, do boato burilado pela ironia e verbos no condicional, temperada com uma memória que ajusta fatos do passado à "denúncia" do presente, essas são mercadorias de preço baixo e execução rápida, sempre rendem manchetes. (GUSMÃO, 1993, p. 26).

Outros vários trechos das 54 reportagens analisadas fizeram uso de fontes em off para justificar acusações e especulações. De acordo com o Manual da Folha esse tipo de fonte só pode ser usado se ela for confrontada com o outro lado ou checada com mais duas fontes. Isso não se comprovou. Depois de analisar as matérias foi possível verificar que as mesmas se atinham a afirmações oficiais em off e usavam as fontes em on para explicar outros desdobramentos do caso. Em

relação ao possível culpado e ao suspeito eram apenas fontes em off.

"Boatos, fofocas e mistérios inextrincados escapam para as páginas com molduras de verdade. Há truques para maquiar os rombos, como usar verbos no condicional (um avião teria caído...) ou a desculpa do horário (até o fechamento esta edição...)" (GUSMÃO, 1993, p. 31). "[...] Três fatores vem dificultando as investigações dos agentes que trabalham para esclarecer o assassinato. Um é o fato de que um dos suspeitos *pode ser* da família da vítima". (POLÍCIA, encara caso complicado. 3 ago 2007, grifo nosso).

Com a análise realizada por essa pesquisadora foi possível concluir que as reportagens também foram especulativas em relação ao culpado do assassinato em partes como: "[...] os restos mortais foram encontrados no matagal que separa [...], onde mora o cunhado da estudante, Cleysson Pinto do Nascimento. Ele, inclusive, foi a primeira pessoa a identificar o crânio como sendo da menina". (POLICIAIS, tem três suspeitos. 30 jun 2007)

A afirmação de que seria uma pessoa próxima a família aparece em quase todas as matérias analisadas e sempre usando fontes em off. "[...] Segundo a polícia, tudo leva a crer que o autor do crime seja uma pessoa próxima a família de Isabela e esteja acuado com a situação". (PERÍCIA, aponta asfixia. 1 jul 2007). "O matagal onde os policiais identificaram a vítima fica próximo à quadra QR 603, distante apenas 500 metros da residência onde o cunhado Cleysson Pinto do Nascimento, 26 anos, e a irmã, Débora Faria, moravam". (UM, cenário macabro. 1 jul 2007).

## 5.1 AFIRMAÇÕES ESPECULATIVAS

Nas matérias analisadas foi possível verificar especulações sobre o possível "assassino" de Isabela Tainara em 16 das 54 matérias analisadas. Todas as informações nesse sentido foram publicadas em off e sem cruzamento. Confira a seguir alguns trechos que comprovam a utilização excessiva de off e afirmações que levam a crer que o culpado do assassinato é uma pessoa próxima a menina e que especula-se, possa ser o cunhado.

A fonte especula que ela (*testemunha*) teria visto o principal suspeito de envolvimento na morte de Isabela Tainara. Segundo a polícia, esse suspeito é do

convívio da família da adolescente, que chegou com a vítima em Samambaia, na noite do assassinato. (GOMES, Luiz Augusto. 9 jul 2007, grifo nosso). A polícia trabalha com a hipótese de que o sangue possa ser do autor do assassinato. Exames de sangue feitos nos pais, na irmã e no cunhado da adolescente vão apontar se o material é de Isabela Tainara. (GOMES, Luiz Augusto. 13 jul 2007).

[...] Um dos exames aguardados com expectativa é o do sangue encontrado na calça jeans enrolada no pescoço da garota. Familiares de Isabela fizeram exames para que o material seja confrontado com o da roupa. Os policiais querem saber se o sangue é da estudante ou do autor do homicídio. Se for do suspeito, ele terá a prisão temporária solicitada à Justiça e a investigação pode ser concluída mais rápido. Caso contrário, ainda deve se arrastar por tempo indefinido. GOMES, Luiz Augusto. 14 jul 2007.

"[...] Três fatores vem dificultando as investigações dos agentes que trabalham para esclarecer o assassinato. Um é o fato de que um dos suspeitos pode ser da família da vítima". (GOMES, Luiz Augusto . 3 ago 2007). "[...] Próximo havia um saco plástico preto que, suspeita-se, foi utilizado para levar a cabeça até o terreno". (GOMES, Luiz Augusto. et al. 29 jun 2007). "[...] os restos mortais foram encontrados no matagal que separa [...], onde mora o cunhado da estudante, Cleysson Pinto do Nascimento. Ele, inclusive, foi a primeira pessoa a identificar o crânio como sendo da menina". (POLICIAIS. 30 jun 2007)

"[...] Segundo a polícia, tudo leva a crer que o autor do crime seja uma pessoa próxima a família de Isabela e esteja acuado com a situação". (CARONE, Carlos. 1 jul 2007). "O matagal onde os policiais identificaram a vítima, fica próximo à quadra QR 603, distante apenas 500 metros da residência onde o cunhado Cleysson Pinto do Nascimento, 26 anos, e a irmã, Débora Faria, moravam". (LEITE, Márcia. 1 jul 2007). [...] A polícia acredita na possibilidade de que o crime possa ter sido praticado por alguém próximo a jovem pelo fato de Isabela ter conversado tranquilamente com a mãe ao telefone, na noite em que desapareceu. (GOMES, Luiz Augusto; CARONE, Carlos. 2 jul 2007)

#### **Cabelos achados em carro**

O carro de um suspeito de envolvimento na morte da estudante Isabela Tainara Faria, de 14 anos, foi periciado, ontem, duas vezes por técnicos do Instituto de Criminalística (IC), no Departamento de Polícia Especializada (DPE). Os peritos encontraram vestígios de cabelos da adolescente no veículo, que permanece no pátio da instituição.

O automóvel, usado por um suspeito de convívio próximo à família Faria, pertence a um aposentado e está sem duas calotas. O delegado-chefe da

Divisão de Repressão a Seqüestros (DRS), João Kleiber, suspeita que uma calota *poderia ter* caído do carro quando o motorista levou Isabela ao lugar onde ela foi estrangulada. O fato de ter encontrado cabelos no veículo, no entanto, não significa que a pessoa próxima à família da estudante esteja envolvida no caso. Porém, é mais um indício que a polícia tem contra o suspeito. (GOMES, Luiz Augusto. 3 jul 2007. grifo nosso).

Um dos dois principais suspeitos de ter matado a estudante Isabela Tainara de Faria passará por uma prova de fogo durante a manhã de hoje. [...] Informações dão conta que o suspeito que passará pelo teste é uma pessoa próxima à família da estudante. (CARONE, Carlos. 6 jul 2007).

#### **Folhagem será examinada**

Durante a perícia, eles encontraram também vestígios de cabelos de Isabela, conforme divulgado com exclusividade pelo Jornal de Brasília. Porém, não é possível afirmar desde quando o material estava no veículo. Como o usuário é próximo à família da vítima, a polícia admite que a garota *pode ter* andado no carro sem isto ter a ver com o crime. [...] Mas a polícia está fechando o cerco sobre os suspeitos e o exame da vegetação encontrada no carro pode ser decisivo nas investigações [...] (GOMES, Luiz Augusto. 6 jul 2007. grifo nosso).

“[...] crânio da menina foi encontrado próximo à casa de um dos homens apontados pela polícia como suspeito. [...]. Os peritos encontraram vestígios de fios de cabelo da vítima no carro [...] não poderá apontá-lo como autor da morte porque a estudante pode ter andado em seu veículo, já que ele é próximo da família. (GOMES, Luiz Augusto. 7 jul 2007). [...] Uma ligação telefônica feita do local, na noite em que a estudante foi assassinada, é uma das principais provas da polícia contra um dos suspeitos. De acordo com os investigadores, ele é próximo ao convívio da família de Isabela Tainara. [...] (GOMES, Luiz Augusto. 8 jul 2007).

Uma fonte da polícia envolvida nas investigações do caso afirma que a testemunha teria dito que o suspeito esteve duas vezes no terreno onde os restos mortais da adolescente foram encontrados. ‘Reconheci que ele dirigia o carro quando a imprensa divulgou imagens com a placa’, teria dito a testemunha. O carro de um dos suspeitos foi apreendido na semana passada. (GOMES, Luiz Augusto. 11 jul 2007).

O Jornal de Brasília após fazer várias divulgações insinuando que o culpado seria o cunhado de Isabela, Cleysson Pinto, pediu que ele concedesse uma entrevista ao veículo de comunicação para se explicar e desabafar. Foi a primeira vez, depois de várias especulações contra ele que o jornal deu espaço para que pudesse se defender e falar a respeito. Abaixo um resumo da entrevista que

recebeu o título **"Meu mundo caiu de vez"** e foi apurada e escrita pelo jornalista Luiz Augusto Gomes no dia 10 de julho de 2007. Esse repórter foi autor de quase todas as reportagens que faz especulações à cerca do cunhado da estudante.

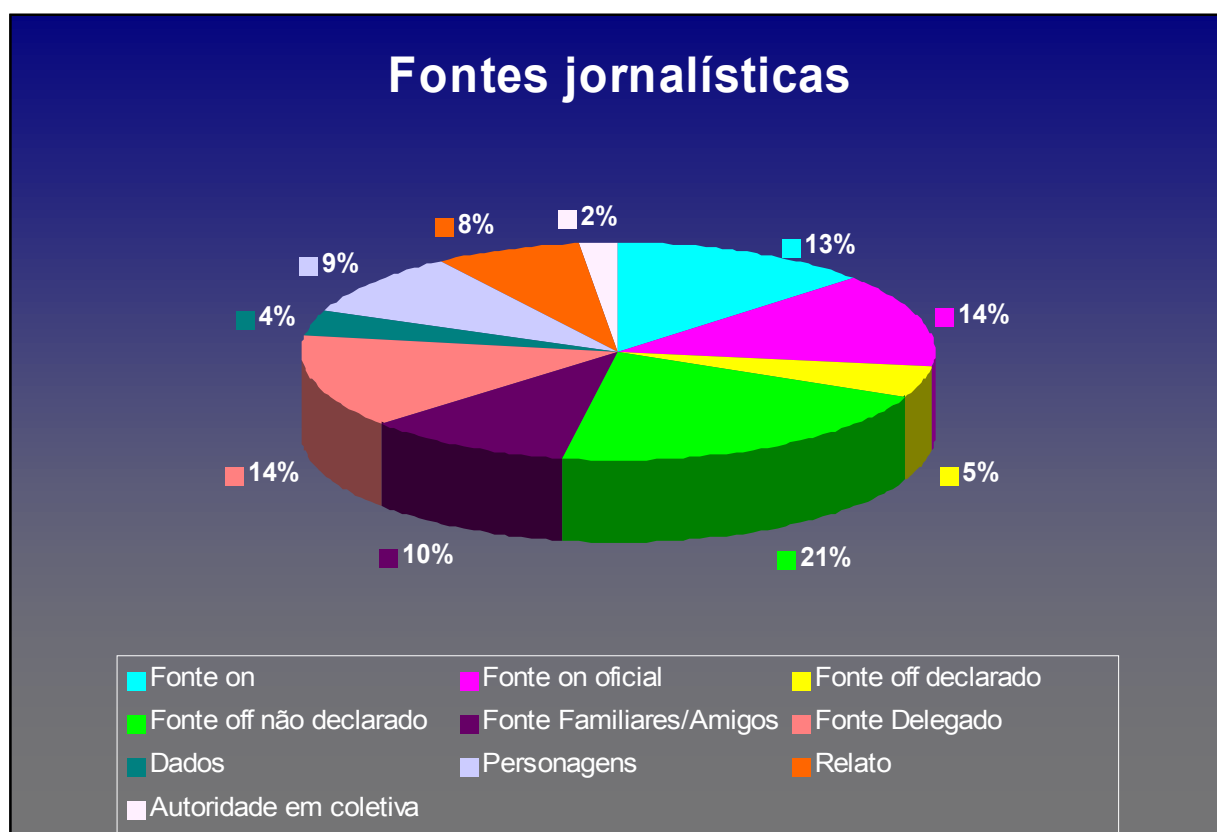
[...] ele é apontado como suspeito do crime por alguns veículos de imprensa [...]. O irmão de Isabela Tainara, Israel Rodrigo Faria, 21 anos, disse à reportagem do Jornal de Brasília que está preocupado com a segurança do cunhado. Para ele, as notícias divulgadas por alguns órgãos de imprensa, que trazem Cleysson Pinto como suspeito do cruel assassinato da irmã, são tendenciosas, especulativas e só fazem atrapalhar as investigações. Veja alguns trechos da entrevista que foi dividida em temas:

Cabelos, folhagens e calota: "Encontraram o cabelo da Isabela no meu carro. Ela é minha cunhada e andava freqüentemente comigo. Nada mais óbvio que ter fios espalhados no interior do veículo. Isso não diz absolutamente nada. A lama e os galhos que ficaram presos em baixo da Parati são do dia em que estive no local para reconhecer a cabeça. Se olharem o carro da polícia vão encontrar os vestígios também. As duas calotas que faltam estão na minha casa. Eu tirei, não se perderam".

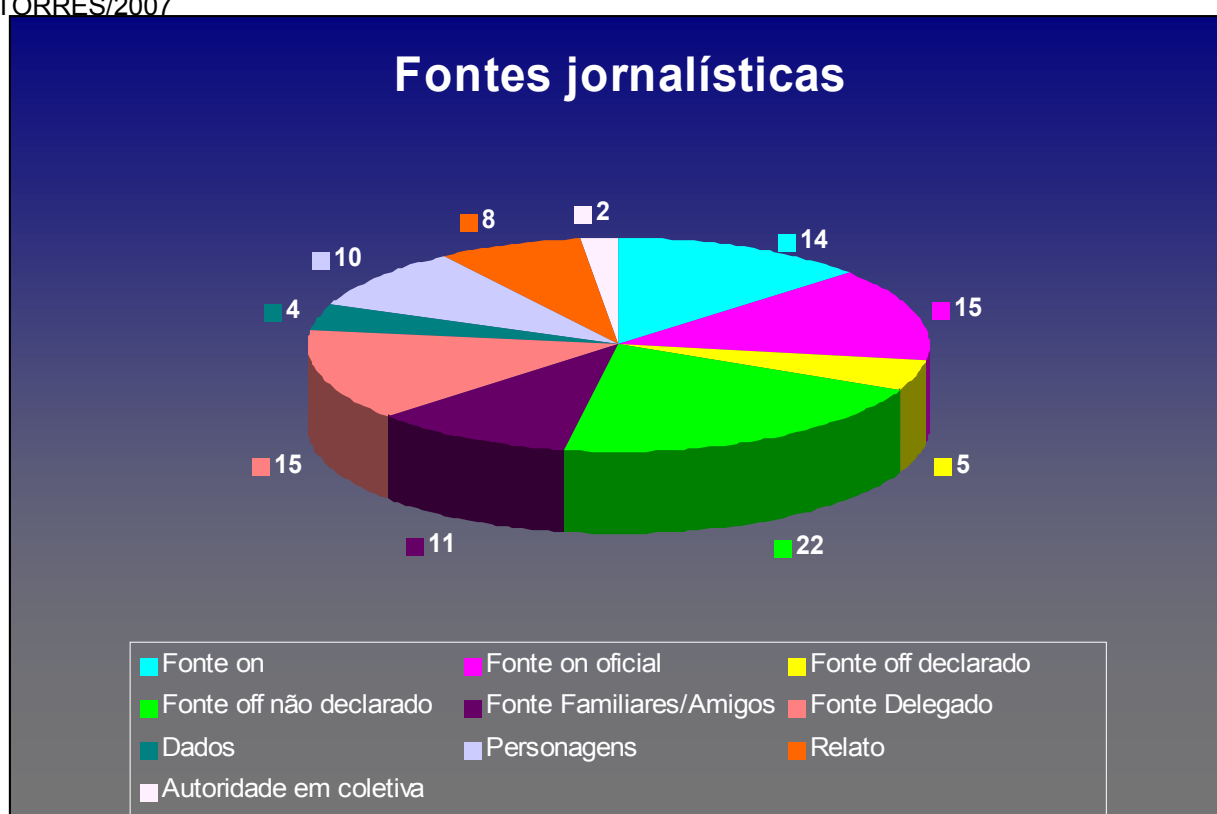
Pressão: "Tenho sofrido uma pressão enorme nos últimos dias, tanto da polícia quanto da opinião pública. Tenho muito medo do que as pessoas mal informadas possam fazer contra mim. Tive que sair da minha casa. Estou submetendo a minha esposa a uma situação extremamente desconfortável. Meu pai, que já é de idade, está sofrendo muito com essa situação. Quase teve um infarto". Crítica a imprensa: "Acredito que uma parte da imprensa usou do sensacionalismo barato e cruel para ter audiência. Muitos veículos se acham juízes ou o próprio Deus. Vocês não têm o direito de fazer isso comigo. Vocês não podem desgraçar a vida de ninguém".

Processo: "Não sei o que vou fazer ainda. Contratei um advogado para me orientar. Não descarto a possibilidade de processar algum jornalista ou veículo da imprensa. Mas ainda é cedo para pensar nisso". Pedido: "Única coisa que peço é que deixem a minha família em paz. Por favor, não me julguem. Deixe que a polícia faça o trabalho dela. Conheço Isabela desde criancinha. Nunca seria capaz de fazer nada contra ela". (GOMES, Luiz Augusto. 10 jul 2007).

## 6. GRÁFICOS



TORRES/2007



TORRES/2007



TORRES/2007



TORRES/2007

## 7. TABELA FONTES JORNALÍSTICAS

Matéria	Dia	Quantidade de Fontes									
		Fonte ON	Fonte ON oficial	Fonte OFF declarado	Fonte OFF não declarado	Fonte Familiares/Amigos	Fonte Delegado	Dados	Personagens	Relato	Autoridade em coletiva
Restos podem ser da garota	29/06/2007				1		1				
A espera de justiça	30/06/2007	1			1						1
Marcas de violência	30/06/2007							1			
O triste desfecho da busca	30/06/2007					1				1	
Abordagem insensível	30/06/2007										
Resultado confirmado	30/06/2007					1					
Garota tinha jeito infantil	30/06/2007					1					
Colégio CIMAN	30/06/2007	1							1		
Polícia tem três suspeitos	30/06/2007				1		1				
Enterro deve demorar	30/06/2007		3								1
Mais segurança	30/06/2007	1	1				1				
Moradores confessam ter medo	30/06/2007	3							1		
Tragédia confirmada	30/06/2007		2		1		1			1	
Perícia aponta asfíxia	01/07/2007				1		1				
Sem previsão para enterro	01/07/2007		1		1						
Um cenário macabro	01/07/2007								1	1	
Família se recolhe	01/07/2007				1	1			1		
Atrás de mais indícios	01/07/2007						1				
Morta no mesmo dia	02/07/2007				1		1			1	
Mãe quebra o silêncio	02/07/2007					1					
Mensagem de solidariedade	02/07/2007	1									
Vizinhos se mostram apreensivos	02/07/2007					1			1		
Homenagem: comoção e saudade eterna	03/07/2007	3							1	1	
Investigação: cabelos achados em carro	03/07/2007				1		2				
Matagal provoca insegurança	03/07/2007	1			1				1		
Investigação: novos depoentes	03/07/2007		1								
Enterro ainda sem previsão	03/07/2007		1								
Menina era estudiosa	03/07/2007	1				1					
Emoção na missa da paz	04/07/2007								1		
Nova descoberta: ligação desperta suspeita	04/07/2007		1	1	1						
Enterro no campo da esperança	04/07/2007					1		1			
<b>SUBTOTAL1</b>		<b>12</b>	<b>10</b>	<b>1</b>	<b>11</b>	<b>8</b>	<b>9</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>5</b>	<b>2</b>



[illegible]

## 8. TABELA JORNALISMO SOBRE INVESTIGAÇÃO

Fontes oficiais	57
Fontes não oficiais	14
<b>TOTAL</b>	<b>71</b>

### Legenda:

**Fontes oficiais:** Fontes ON oficial + Fontes OFF declarado + Fontes OFF não declarado + Fonte Delegado

**Fontes não oficiais:** Fontes ON

## 9. FOTOS

Gustavo Moreno/  
Especial para o CB



Cleysson (camisa listrada), cunhado de Isabela Tainara Faria, observa possível cabeça da adolescente.

Tony Winston



Cunhado de Isabela, Cleysson reconheceu o rosto da jovem.

Ricardo Marques/30.06.07



Cleysson concede entrevista ao Jornal de Brasília.

Ricardo Marques



Pai (ao lado do irmão da menina, na foto), falam sobre a tragédia e o momento de dor da família.

Arquivo da família



Cartaz de divulgação.

Minervino Junior



Abalados, colegas do Ciman fizeram homenagem à menina.

## 10. CONCLUSÃO

Após analisar as reportagens do Jornal de Brasília no período em que o corpo da estudante Isabela Tainara foi encontrado, foi possível concluir que as reportagens não foram conclusivas nem tiveram muita credibilidade em relação a critérios jornalísticos. "[...] Há truques para maquiar os rombos, como usar verbos no condicional (um avião teria caído...) ou a desculpa do horário (até o fechamento esta edição...)". (GUSMÃO, 1993, p. 31).

Por ter usado de forma excessiva as fontes em OFF, principalmente em afirmações cruciais para elucidação do caso, as matérias ficaram sem credibilidade. Também pelo uso demasiado de fontes oficiais, ficando na maioria das vezes apenas nessas fontes, as reportagens não foram mais a fundo na apuração "investigação" dos fatos. O que se caracterizaram matérias sobre investigação (investigação da polícia) e não investigativas (dados conseguidos pelo jornalista com outras fontes).

A única maneira prática de dizer ao público o quanto sabemos é revelar o máximo possível sobre nossas fontes e métodos. Como sabemos o que sabemos? Quais são nossas fontes? Que tanto sabem elas? Que preconceitos mostram? Existem relatos conflitantes? O que não sabemos? Chamamos isso de Regra da Transparência. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.126).

Em relação à cobertura sobre o possível culpado pelo assassinato de Isabela Tainara, pode-se concluir que houve um jornalismo de instigação, "especulativo". A pesquisadora percebeu uma série de insinuações que levavam a um culpado, o cunhado da vítima. "[...] Boatos, fofocas e mistérios inextrincados escapam para as páginas com molduras de verdade [...]". (GUSMÃO, 1993, p. 31).

Até hoje não se sabe quem é o verdadeiro culpado pelo assassinato da estudante. Essa resposta não cabe ao jornalista, a não ser que ele tenha provas. Como jornalista, a pesquisadora avalia que essa cobertura poderia ter sido mais eficaz e verdadeira se tivesse ouvido mais fontes além das oficiais. Foi possível confirmar que o jornalismo investigativo é pouco utilizado nas redações e quando se faz, é de forma errada. Segundo Kovach e Rosenstiel (2003, p. 67):

Essas explicações tornaram os jornalistas passivos, meros reprodutores dos fatos. É como se eles pensassem que a verdade é alguma coisa que surge sozinha. O profissional deve perseguir a verdade. Não pode ser meramente

construído com base na exatidão, pois, pode ser uma forma de distorção.

“Nós lutamos por uma cobertura que busque, com todo empenho, dar ao leitor o máximo de informação para ele próprio tire suas conclusões. Esse é o nosso mais nobre ideal”. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p.69). Além disso, a pesquisadora concluiu que houve, no caso em questão, dificuldade em produzir matérias que vão além do que já foi dito ou publicado. Parecem ter perdido a curiosidade e o estímulo para ir mais fundo do que um simples boletim de ocorrência e processos judiciais.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELLOS, Caco. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE JORNALISMO INVESTIGATIVO**, 2, 2007, São Paulo. Anais... São Paulo, Abraj, 2007.

GUSMÃO, Sérgio Buarque. **Jornalismo de in(ve)stigaçã**o. o caso Quércia. 2, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1994, 166 p.

HESSEN, Johannes. **Teoria do conhecimento**. Trad Antonio Correia. 7. ed. Coimbra, Armenio Amado Editor Sucessor, 1978. (Coleção Stvdivm, 67), 206 p.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: O que os jornalistas devem saber e o público exigir - tradução de Wladir Dupont. Prefácio de Fernando Rodrigues. São Paulo: Geração Editorial, 2003, 293 p.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz (org.). **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Publisher Brasil, 2003. 207 p.

NASCIMENTO, Dinalva Melo do. **Metodologia do Trabalho Científico**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Forense, 2002, 184 p.

REDAÇÃO, **Manual da Folha de S. Paulo**. São Paulo, Publifolha, 2001, 391 p.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro. **Jornalismo Investigativo**: o fato por trás as notícia. São Paulo, 2005, Summus, 197 p.